

A angústia: do que não engana e sua certeza

Barbara Guatimosim

Resumo

O trabalho da análise pode perfazer trajetórias mais ou menos tortuosas. Acompanhando seu analisante, o analista vê surgir, por vezes, diversos obstáculos no percurso do processo analítico, quando não interrupções. Certamente, o psicanalista não está desavisado desses impasses, mas há alguns mais específicos que põem à prova o desejo do analista. Essas suspensões promovidas pela angústia, e até mesmo acrescidas de pânico, surgem no ponto mesmo de uma metamorfose, de travessia, fazendo do “afeto que não engana” o indicador de uma certeza. Como a orientação lacaniana, diferente de outras, pode lidar com o que está em jogo nesses impasses?

Palavras-chave:

Angústia; Certeza; Desejo do analista; Desamparo.

Anguish: what does not deceive and its certainty

Abstract

The work of analysis can follow more or less tortuous trajectories. Accompanying his analysand, the analyst sometimes sees various obstacles arising along the path of the analytical process, if not interruptions. Certainly, the psychoanalyst is not unaware of these impasses, but there are some more specific ones that test the analyst's desire. These suspensions promoted by anguish, and even increased by panic, appear at the very point of a metamorphosis, of crossing, making the “affect that does not deceive” the indicator of a certainty. How can Lacanian orientation, unlike others, deal with what is at stake in these impasses?

Keywords:

Anguish; Certainty; Analyst's desire; Helplessness.

Angustia: lo que no engaña y su certeza

Resumen

El trabajo de análisis puede seguir trayectorias más o menos tortuosas. Acompañando a su analizando, el analista ve a veces surgir diversos obstáculos, si no interrupciones, en el camino del proceso analítico. Ciertamente el psicoanalista no es ajeno a estos impasses, pero hay algunos más específicos que ponen a prueba el deseo del analista. Estas suspensiones promovidas por la angustia, e incluso aumentadas por el pánico, aparecen en el momento mismo de una metamorfosis, de un cruce, haciendo del “afecto que no engaña” el indicador de una certeza. ¿Cómo puede la orientación lacaniana, a diferencia de otras, abordar lo que está en juego en estos callejones sin salida?

Palabras clave:

Angustia; Certeza; El deseo del analista; Impotencia.

L'angoisse : ce qui ne trompe pas et sa certitude

Résumé

Le travail d'analyse peut suivre des trajectoires plus ou moins tortueuses. Accompagnant son analysant, l'analyste voit parfois surgir divers obstacles sur le chemin du processus analytique, voire des interruptions. Certes, le psychanalyste n'ignore pas ces impasses, mais il en est de plus spécifiques qui mettent à l'épreuve le désir de l'analyste. Ces suspensions favorisées par l'angoisse, et même augmentées par la panique, apparaissent au point même d'une métamorphose, d'un croisement, faisant de « l'affect qui ne trompe pas » l'indicateur d'une certitude. Comment l'orientation lacanienne, contrairement à d'autres, peut-elle aborder les enjeux de ces impasses ?

Mots-clés :

Angoisse ; Certitude ; Le désir de l'analyste ; Impuissance.

O trabalho da análise pode perfazer trajetórias mais ou menos tortuosas. Acompanhando seu analisante, o analista vê surgir, por vezes, diversos obstáculos no percurso do processo analítico, quando não acontecem rupturas ou interrupções. Certamente, o analista não está desavisado desses impasses, mas aqui pretendo abordar alguns pontos de detenção que indicam tempos de virada bem específicos. Em certos momentos, escutamos de um sujeito atravessado: estocada no peito, dor, presença de corpo: “Não sei se vou continuar... não sei o que há do outro lado”; ameaças de despersonalização:¹ “Se eu prosseguir, posso ficar irreconhecível”; prenúncios de separação, perdas e quedas: “estou tornando-me egoísta... vou acabar sozinha”. “Aonde quer me levar?”. Ou mesmo literalmente: “O que você quer?”, “*Che voi?*”, pergunta fundamental dirigida ao Outro na constituição do sujeito e atualizada na transferência. Essas suspensões promovidas pela angústia, até mesmo acrescidas de pânico, além da sumária interrupção do trabalho, podem ser tratadas espontaneamente pelo analisante pelo desvio da defesa fóbica, no medo objetivado que localiza e dá visibilidade ao que o causa. Mas, desde a escuta analítica, não se trata de nos desviarmos da angústia, mas de fazê-la falar, implicando o sujeito no que a dita lhe concerne e/ou, ainda, alertando-nos para alguma fragilidade estrutural que pode manifestar-se nesse momento, exigindo uma reavaliação da hipótese diagnóstica, ou verificação da sustentação nodal do sujeito.² Pois o analista está advertido: ele não pode desejar o impossível (Lacan, 1959-1960/1988, p. 360). De todo jeito, quando os ideais identificatórios vacilam ou estão em franca queda, diante da dúvida do prosseguimento no caminho da análise, estamos também na iminência de uma metamorfose, de uma travessia, fazendo do “afeto que não engana” o indicador de uma certeza (Lacan, 1962-1963/2005, p. 88).

Acompanhando nosso sujeito, somos, assim, apresentados à vertigem de uma convicção de estarmos próximo a uma transformação guiada por um não saber: encontro com o real — no extremo, para alguns, mergulho abissal, sendo o delírio uma resposta possível de um retorno do real; para outros, real da operação da perda e índice do desejo. Sim, pois evocar o desejo é também colocar a operação da castração à prova. As respostas podem ser muito diversas, apesar das delimitadas pelas estruturas clínicas: recalque, denegação e forclusão.

A direção do tratamento psicanalítico, desde a escuta lacaniana da produção sintomática que nos demanda tratamento, visa, desde o início, ao desejo do sujeito, alijado, emudecido e, portanto, deixado no desconhecido. Essa visada do desejo, orientada pela diferença que carrega a singularidade desse desejo, faz com

1 Ou estranhamento, como trabalha Freud no *Unheimlich*.

2 Não esquecendo que “os efeitos de despersonalização constatados na análise, sob aspectos diversamente distintos, devem ser considerados menos como sinais de limite do que como sinais de travessia” (Lacan, 1954/1998, p. 687).

que o trabalho analítico mantenha a crítica permanente dos processos de identificação e miragens ideais mantidas e ativadas pelo gozo. Mas eis que a visada da diferença do desejo, por si mesma, desde que encetada e sustentada, conduz o sujeito ao desmonte das capturas imaginárias do eu que o mantinham alienado de seu desejo e de seu gozo singular. Disso decorre que o alvo do processo de dessubjetivação será também o que obstaculiza o desejo, mergulhando o sujeito nas produções de gozo: inibição, sintoma e angústia. Outra consequência da direção ética do desejo é que podemos sustentar uma clínica nos afastando das destituições selvagens, por ser a orientação bem precisa: ela não visa a abolir o eu do sujeito, nem acabar com o imaginário. Portanto, não é a pessoa do analista que deve levar o sujeito a um “desarvoramento absoluto” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 364), pois é quem, como Lacan, que, em ato, “sacode com uma mão e segura com a outra”,³ só pode pretender um desarvoramento relativo, relativo ao que impede o desejo. Entretanto, a análise que forja o analista, deve ir até experiência última do desamparo radical (*Hilflosigkeit*), fundo de toda a angústia.

Mas não é somente o desejo do sujeito, do ser falante, como Lacan mais tarde renomeou, que está em questão, apenso à pergunta se será sustentado ou não no processo de destituição subjetiva. Esses momentos de virada, de torção na experiência analisante e na vida do ser falante, a meu ver, cruciais na direção do tratamento, põem à prova também a análise do analista e seu desejo, o desejo do analista, que, nesse momento, ao ser convocado, pode vacilar... surgindo a angústia da pessoa do analista (ver adendo mais adiante).

Lacan fará uma inversão na (des)orientação que os pós-freudianos imprimiam às análises. Eles se guiavam autorreferenciados pela contratransferência — pelo que o paciente suscitava no analista — e/ou pela visada da identificação com o analista mestre, em que se tornar analista era ser e fazer como quem o candidato havia se submetido. Daí, as consequências que se seguiram: imposturas de autossuficiência, castas de analistas didatas, filiação da parte dos submetidos, emudecimento e mediocrização dos candidatos a analista. Lacan, no avesso dessa formação e à guisa de uma orientação pela ética do desejo e do bem-dizer, visando à singularidade do sujeito, volta-se para a heteridade, a diversidade da diferença.

A volta a mais que exige a análise do analista é uma consequência dessa dessubjetivação e da metamorfose que essa permite. A volta a mais é extrair o fruto da destituição subjetiva, colher seu resto e relançá-lo na função de causa esvaziada. A força do desejo do analista, nem puro, nem neutro, está em buscar a diferença absoluta em cada sujeito que aí se anima, transmitindo e semeando essa causa que agencia seu discurso, o D.A. Como diz Lacan, trabalhando a angústia entre gozo e desejo, fazendo, no sujeito, a angústia falar e se implicar, conduz-se o objeto

3 Ver no vídeo “Um encontro com Lacan” a fala de A. Du Ciacia, tempos 13:37 a 52:54.

que estava à frente a se deslocar, decaído e esvaziado, para trás (Lacan, 1962-1963/2005, p. 176).

Se a análise do analista rateou, recuou ou estancou nessa volta a mais, se houve alguma perturbação significativa nesse ponto, sentirá ele, no corpo, também o impacto da angústia analisante, ou transmitirá ele ao analisante a angústia que se origina nele mesmo, e isso certamente reverberará em sua atuação. No entanto, essa angústia não é um afeto que não engana somente porque ressoa no corpo, pois outros afetos são sentidos fisicamente, como o amor, o ódio, o medo, a inveja etc. Ocorre que, com a angústia, acontece algo estranho e diferente: ela é intransferível, ela lhe concerne, é inescapável — o momento de supervisão talvez aqui tenha seu sinal —, mas o impasse pode instalar-se no cenário analítico. Se isso ocorrer, então, pode ser ainda a ocasião de retomar, em análise e em tempo, o ponto de mutação que faz com que o analista seja sempre um tornar-se.

Adendo sobre a angústia do analista

É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar.⁴

Lacan não evitou nem negligenciou a questão delicada e espinhosa da angústia do analista, sua “implicação subjetiva” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 323). No capítulo XXV do *Seminário: a transferência*, ele trata da angústia em sua relação com o desejo: Nesse momento, Lacan segue trabalhando como na fantasia, $\$ \langle \rangle a$, a histeria (desejo insatisfeito), a obsessão (desejo impossível) sustentam o desejo, juntamente com a fobia, que “serve para sustentar a relação com o desejo sob a forma de angústia” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 353). A fórmula da fantasia $\$ \langle \rangle a$, na suspensão e na sustentação do desejo em conjunção disjuntiva ao objeto, escreve essa sustentação nas neuroses.

O convite de Lacan, nesse momento, é buscar entender

(...) como a função de sinal da angústia adverte sobre algo, e algo de muito importante na clínica e na prática analíticas. A angústia à qual os seus sujeitos estão abertos não é em absoluto, ou não é unicamente, como se acredita e como vocês procuram sempre, se posso dizer, interna ao sujeito. O próprio do neurótico é ser nesse sentido, segundo a expressão do sr. André Breton, um vaso comunicante. A angústia com que o neurótico de vocês lida, a angústia como energia, é uma angústia que ele tem o grande hábito de ir buscar aos montes, a torto e a direito, num ou noutro dos grandes A com os quais se defronta. Ela é tão válida e utilizável para ele quanto

⁴ Copo vazio, de Gilberto Gil (1978).

aquela de sua própria invenção. Se não levarem isso em conta na economia de uma análise vão se enganar enormemente. Em muitos casos, vão quebrar a cabeça para saber de onde vem, em dada ocasião, esse pequeno ressurgimento de angústia no momento em que menos esperavam. Não é forçosamente a dele, aquela sobre a qual vocês já estavam advertidos pela prática de meses anteriores de análise. Existe também a dos vizinhos, que conta, e depois a de vocês. (Lacan 1960-1961/1992, p. 354)

Pois, se a angústia que concerne a cada um é intransferível, isso não quer dizer que ela não seja contagiosa, ou seja transmissível. Aquela de vocês, ou seja, a angústia dos analistas, do sujeito que sustenta a função analítica, que, entretanto, Lacan aqui não reduz ao nível de todo e qualquer sujeito. Essa redução é uma saída comum e fácil do problema: o analista angustiado está afastado de sua função e está respondendo como sujeito. Entretanto, o sujeito analista não é qualquer um, mas empresta sua condição a uma função muito específica. Ele é aquele que fica diante de um sujeito que traz sua angústia para ser ouvida por um analista, que, por vezes, provoca ele mesmo essa angústia.

A essa angústia específica, a angústia do analista, Lacan dedica algumas linhas:

Vocês pensam, com certeza, que nesse ponto vão saber se orientar. Sabem que já lhes deram avisos nesse sentido. Receio que isso não os alerte muito, pois, justamente, o que essa advertência implica é que a angústia de vocês não deve entrar em jogo. A análise deve ser asséptica no que concerne à angústia de vocês. (...) Que a angústia de vocês já tenha sido amplamente superada na sua análise anterior não resolve nada, pois o que se trata de saber é em que estatuto atual vocês devem estar, vocês mesmos, quanto ao seu desejo, para que não surja de vocês, na análise, não apenas o sinal de angústia, mas a própria angústia, na medida em que, se ela surge, está pronta para se transportar para a economia do seu sujeito, e isso à medida que ele está mais adiantado na análise, isto é, na medida em que ele vai buscar a via de seu desejo no nível desse grande Outro que vocês são para ele. Seja como for, para amarrar esse primeiro nó, é preciso fazer intervir a função do Outro, do grande A, no que se refere à possibilidade de surgimento da angústia como sinal. (Lacan, 1960-1961/1992, pp. 354-355)

Trata-se de abrir uma senda, e já que estamos engajados nisso vamos continuar, colocando uma questão insidiosa — o que deve ser a *Versagung* (frustração, o impossível de dizer) da análise? Nesse ponto, francamente, eu não lhes disse muito, mas pergunto a vocês — não será isso a fecunda *Versagung* da análise? — que o analista recuse ao sujeito a sua

angústia, a dele analista, e deixe nu o lugar onde ele é convocado como outro a dar o sinal de angústia. Vejamos aqui perfilar-se aquilo que já lhes indiquei da última vez, dizendo-lhes que o lugar puro do analista, na medida em que poderemos defini-lo na e pela fantasia ($\$ \langle a \rangle$), seria o lugar do desejante puro. (Lacan, 1960-1961/1992, p. 356)

Nesse momento do ensino de Lacan, esse desejante enérgico, desejante decidido, o desejante puro aqui evocado é Sócrates, o primeiro analista. Distinguindo o lugar do desejante do suplicante, Lacan nos diz que o suplicante consegue um lugar no discurso pela demanda; a posição do suplicante “presentifica em sua própria demanda o personagem do suplicante. (...) o lugar do suplicante está no interior do discurso daquele que reza” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 357); “não há oração sem que o suplicante se veja rezando” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 356).

Com o desejante não acontece o mesmo (...). O desejante enquanto tal nada pode dizer de si mesmo, a não ser abolindo-se como desejante. Aí está o que define o lugar puro do sujeito enquanto desejante. Toda tentativa de se articular, neste nível, é inútil, não sai outra coisa que síncope da linguagem e impotência de dizer, porque, a partir do momento em que diz, o sujeito nada mais é que mendicante, ele passa ao registro da demanda, e isso é outra coisa. (Lembrando aqui que, para Lacan, o desejo articula sem ser articulável.) Isso não é menos importante quando se trata de formular aquilo que, nessa resposta ao Outro constituída pela análise, delineia a forma específica do lugar do analista. (Lacan, 1960-1961/1992, p. 357)

E, nesse ponto terminal da lição, Lacan nos oferece uma fórmula “em impasse”.

Eis a fórmula, e ela tem, realmente, algum interesse, já que amarra os elementos cujo percurso acabo de designar — se a angústia é o que lhes disse, uma relação de sustentação do desejo, lá onde o objeto falta, invertendo os termos, *o desejo é um remédio para a angústia*. Isso se vê constantemente na prática. O mais insignificante dos neuróticos sabe muito sobre isso, até mesmo mais que vocês. O apoio encontrado no desejo, por incômodo que seja com toda a sua carga de culpa, é ainda assim muito mais fácil de sustentar que a posição de angústia, de modo que, em suma, para alguém um pouco astucioso e experimentado — digo isso para o analista —, convém ter sempre ao alcance um pequeno desejo bem-fornido (*fourbi*), para não estar exposto a colocar em jogo na análise um *quantum* de angústia que não seria oportuno nem bem-vindo. (Lacan, 1960-1961/1992, pp. 357-358)

Bom, de repente, isso parece a Lacan um tipo de receita, e ele acrescenta uma precisão: “Será realmente a este ponto que tenciono levá-los? (...) A questão não é do expediente do desejo, mas de uma certa relação com o desejo, pela qual seria preciso que ele não fosse sustentado inteiramente a curto prazo” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 358).

É essa “relação com o desejo” que mantém o desejo do analista, esse desejo “louco”, que pode certamente vacilar, ou não se sustentar ao longo de sua prática. Pois, evidentemente, o analista não está ao abrigo das paixões, e isso não é necessariamente por ter sido mal analisado, mal preparado. Não podemos supor que o desejo do analista é indestrutível. Mas, se a prática psicanalítica gerou uma imagem popular asséptica do analista, próximo da apatia, é

(...) na medida em que é possuído por um desejo mais forte que os desejos que poderiam estar em causa, a saber, de chegar às vias de fato com seu paciente, de tomá-lo nos braços ou atirá-lo pela janela. Isso acontece. Eu teria mesmo maus augúrios, ousa dizê-lo, para alguém que jamais houvesse sentido isso. Mas, enfim, com exceção dessa pequena possibilidade da coisa, isso não deve acontecer de maneira comum. Por que isso não deve acontecer? (...) é em razão do seguinte, que é o que ponho em questão aqui, este ano, que o analista diz: sou possuído por um desejo mais forte. Ele está autorizado para dizê-lo enquanto analista, enquanto produziu-se, para ele, uma mutação na economia de seu desejo. (Lacan, 1960-1961/1992, p. 187)

E, então, o desejo do analista não é apenas o remédio para sua angústia, mas o mantenedor do objeto *a* como causa para o analisante, e, ainda, para o discurso analítico operar como tal. “Certamente convém que o analista seja aquele que, minimamente, não importa por qual vertente, por qual borda, tenha feito seu desejo entrar suficientemente nesse *a* irredutível” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 366).

Esse esvaziamento do objeto *a* pelo desejo do analista é uma resposta do real, reposta inédita, que pode enfrentar o real da angústia, sem que um real elimine o outro.

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961)

- Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Um encontro com Lacan (2012, 20 de agosto). *Psicanálise lacaniana*. YouTube. Recuperado em 6 de outubro, 2024, de <https://youtu.be/S-QtbFaZjmw?si=eSv0101h83w7gWeX>

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024